

BLOOD & HONOUR: NEONAZISMO E TEORIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Eric Monné Fraga de Oliveiraⁱ

Resumo

O intuito, neste artigo, é discutir uma organização de caráter neonazista da perspectiva da teoria dos movimentos sociais. Com base nas contribuições teóricas e empíricas de Alain Touraine e Sidney Tarrow, a proposta é pensar como essa teoria pode contribuir para a compreensão da organização neonazista Blood & Honour e como esta se encaixa nas proposições contemporâneas acerca dos movimentos sociais. Além disso, são considerados os apontamentos de Axel Honneth acerca das lutas por reconhecimento em um caso emblemático, no qual a capacidade dos agentes de se sentirem reconhecidos e estimados depende da desigualdade material e jurídica entre eles e aqueles a quem se opõem.

Palavras chave: Teoria dos movimentos sociais; neonazismo; luta por reconhecimento; racismo, violência

BLOOD & HONOUR: NEO-NAZISM AND SOCIAL MOVEMENT THEORY

Abstract:

The article aims to discuss a neo-Nazi organization from a Social Movement Theory perspective. Based on the theoretical and empirical contributions provided by Alain Touraine and Sidney Tarrow, our purpose is to evaluate how such a theory can contribute to the understanding of the neo-Nazi organization Blood & Honour and how this organization can be classified according to the contemporary propositions regarding social movements. Furthermore, we will also consider Axel Honneth's arguments on the struggles for recognition in order to understand such an emblematic case, in which the possibility for the agents to feel recognized and valued depends directly on the material and legal inequalities between themselves and those they oppose.

Keywords: Power; Policy; Classical Islamic philosophy; Ibn Khaldun; Islamic social thought.

ⁱ **Eric Monné Fraga de Oliveira** é mestre em Sociologia e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e atualmente é doutorando em Sociologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), conduzindo pesquisa independente. E-mail: ericmfo@hotmail.com.

Introdução

Neste artigo, o objetivo é realizar uma breve análise da organização de extrema-direita Blood & Honour do prisma das teorias dos movimentos sociais e do multiculturalismo. O referencial teórico utilizado é composto sobretudo dos desenvolvimentos de Axel Honneth, Alain Touraine e Sidney Tarrow dentro dessa temática, uma vez que suas contribuições para a teoria dos movimentos sociais, não sendo mutuamente excludentes, ajudam a elucidar o caso de organizações calcadas no preconceito racial e étnico-nacional. Além disso, vamos nos valer, por meio de utilizações pontuais, de apontamentos teóricos e empíricos de Benedict Anderson, Norbert Elias, Stuart Hall e Ron Eyerman.

As informações sobre o Blood & Honour – e, pontualmente, sobre outros grupos neonazistas – foram extraídas dos trabalhos de Antonio Salas e Bill Buford, além da coleta realizada no *site*¹ da divisão britânica da própria

organização.² Nosso intuito é verificar se essa organização pode ser pensada como um movimento social, além de refletir sobre as formas pelas quais se constitui a estrutura de oportunidades e de mobilização de recursos, quais são seus símbolos e como são manipulados, quais são seus objetivos, aliados e opositores.

Antes, porém, faz-se necessário esclarecer a relação de Salas e de Buford com o tema tratado. Antonio Salas é um jornalista espanhol que se infiltrou em um terreno em que se articulam três áreas distintas mas interligadas: música e estética *skinhead*, neonazismo e hooliganismo no futebol.³ Salas (2006) se relacionou, durante a infiltração, com diversos grupos neonazistas, *skinheads* (incluindo os que se identificam à esquerda do espectro político) e *hooligans*, mas, no presente artigo, apenas sua interação com as divisões espanholas do Blood & Honour e a discussão sobre o início da “subcultura”⁴ jovem *skinhead* e sua relação com o

¹ Disponível em <<http://www.bloodandhonourworldwide.co.uk>>. Acesso em abr. 2015.

² Desse modo, apresentamos dois tipos de informação: as de primeira mão, obtidas da organização, sem o uso de intermediários; e as de segunda mão, conseguidas por meio de mediadores. Com isso, oferecemos mais riqueza e complexidade à análise.

³ O conceito de hooliganismo tem sido intensamente disputado por vertentes divergentes e apresenta uma problemática bastante profunda, dada a multiplicidade de formas de uso da violência física no contexto de futebol que se pretende abarcar em cada análise. Para fins de esclarecimento, todavia, optamos por utilizar a definição oferecida por Spaaij (2006: 11): “Hooliganismo no futebol é definido aqui como a violência competitiva de grupos de fãs de futebol socialmente organizados, dirigida sobretudo contra grupos de fãs opostos [Football hooliganism is defined here as the competitive violence of socially organized fan groups in football, principally directed against opposing fan groups]” (grifo do original).

⁴ Uma discussão aprofundada sobre o termo “subcultura” pode ser encontrada em *Subculture: the meaning of style* (Hebdige, 1991), em *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain* (Hall & Jefferson, 2004) e em *Subcultures: cultural histories and social practice* (Gelder, 2007). A fim de não fugir a nosso escopo, de forma resumida, podemos dizer que, com base nas discussões das três obras citadas, o conceito de subcultura se refere a um sistema de práticas culturais, crenças, ideologias, rituais e estilos de vida pertencentes a um grupo social – normalmente formado exclusiva ou majoritariamente por jovens – que se inclui dentro de uma comunidade cultural maior, mas que procura ativamente se diferenciar desta por meio da contestação de e da disputa por seus símbolos culturais.

neonazismo têm relevância. Já a obra de Buford (2010), um norte-americano que realizou um trabalho, também de cunho jornalístico, entre *hooligans* ingleses, foi utilizada mais com a finalidade de corroborar as informações de Salas sobre as organizações neonazistas e suas relações com o hooliganismo e com a subcultura *skinhead*, fornecendo elementos para uma generalização mais correta. Seu papel secundário é providenciar dados para a afinidade entre o National Front e o neonazismo.

Neonazismo: breve elaboração do conceito

As formas de se conceituar o polêmico e disputado termo “neonazismo” nas ciências humanas em geral e nas ciências sociais em particular encontram alguns problemas que necessitam de abordagem específica antes de iniciarmos a análise, a qual precisa de elaboração prévia do conceito. Faz-se necessário ter duas precauções ao se utilizar o termo neonazismo, sobretudo em artigos acadêmicos. A primeira diz respeito à variedade de grupos que podem ser abarcados por esse termo. As coletividades identificadas como neonazistas não formam um grupo homogêneo: cada grupo pode vir a apresentar as próprias definições acerca do caráter no nacional-socialismo; mobilizar de modo específico sua simbologia, sua memória e sua história; atribuir diferentes níveis de importância

a Adolf Hitler e aos demais líderes do nazismo tradicional; eleger e privilegiar oponentes sociais, políticos e culturais distintos etc.⁵ Dessa forma, a organização aqui estudada representa apenas uma das diversas nuances de articulação dessa ideologia.

A segunda precaução está relacionada ao fato de que a categoria neonazista normalmente não é utilizada pelos membros dos próprios grupos para identificarem a si mesmos individualmente ou aos próprios grupos. Trata-se de uma categoria de acusação,⁶ utilizada por pessoas e grupos que não pertencem ao movimento. Essa designação tem sido atribuída amplamente por diversos jornais (Castro, 2014), grupos políticos (Whitford, 2011), pesquisadores acadêmicos e também pela esfera jurídico-legal. De acordo com Bailer-Galanda e Neugebauer, “neonazismo, um termo jurídico, é compreendido como a tentativa de propagar, desafiando diretamente a lei (*Verbotsgesetz*), a ideologia nazista ou medidas como a negação, a subvalorização, a aprovação ou a justificação do assassinato em massa nazista, especialmente o Holocausto” (1996: 6).⁷

Em nossa pesquisa, não se verificou a ocorrência do termo neonazismo em nenhuma das seções do *site* da organização Blood & Honour. Assim como outros grupos identificados como neonazistas, os membros da Blood & Honour preferem utilizar em

⁵ De acordo com Andrade (2014), por exemplo, grupos brasileiros como o Valhalla 88 trazem o foco de seu ódio sobretudo para nordestinos e nortistas migrados para as regiões Sul e Sudeste do Brasil, além de homossexuais, judeus e comunistas.

⁶ Sobre as categorias de acusação, ver Velho (2008: 59-60) e Duque (2014).

⁷ Todas as citações em idioma estrangeiro foram traduzidas por mim. No caso dessa citação, escolhi traduzir a expressão “a legal term” por “um termo jurídico”, em vez de “um termo legal”, mesmo sabendo que não são sinônimos perfeitos, por ser uma opção que, sem mudar o sentido original, oferece mais clareza e fluidez ao texto.

especial termos como “nacionalistas” ou “nacional-socialistas”⁸ para se referir a seu caráter político individual e coletivo. Magalhães (1998) pôde constatar a mesma ocorrência em sua pesquisa acerca dos defensores do negacionismo/revisionismo do Holocausto: “Esta corrente [revisionista do Holocausto] é a efetiva herdeira do [Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães] NSDAP e dela fazem parte indivíduos que se autodenominam simpatizantes do nazismo, sem o prefixo *neo*” (Magalhães, 1998: 201, grifo do original).

Além da definição oferecida por Bailer-Galanda e Neugebauer (1996), outras duas definições acadêmicas para o conceito de neonazismo merecem destaque, uma vez que ajudam a precisar o termo. A primeira foi oferecida por The Danish Center for Holocaust and Genocide Studies (Centro Dinamarquês de Estudos do Holocausto e do Genocídio): “Neonazismo é o nome da derivação moderna do nazismo. É uma ideologia radicalmente de direita, cujas principais características são o nacionalismo extremo e a xenofobia violenta”.⁹ De acordo com esse centro de estudos, o neonazismo é uma continuação da ideologia nazista tradicional, porém adaptada a um novo contexto histórico, visando a seu restabelecimento como ideologia política válida. Para McGowan (2003), o neonazismo é a corrente ideológica à qual pertencem indivíduos e grupos que defendem a restauração do Terceiro Reich e anseiam por um Estado

totalitário baseado em uma ideologia étnico-racial, ainda quando tais grupos se apresentam fora da Alemanha, uma vez que o pangermanismo não é a única forma de nacionalismo possível para esses grupos.

O termo neonazismo apresenta, portanto, diversas definições acadêmicas possíveis, de acordo com a orientação de cada pesquisa, tanto do ponto de vista teórico-metodológico quanto do ponto de vista empírico, isto é, do objeto real estudado. Contudo, embora abordem pontos distintos, tais definições não são mutuamente excludentes, podendo ser combinadas para a análise. Aqui trataremos o conceito de neonazismo como uma característica atribuída a grupos – formais ou não – que se organizam, a partir do pós-Guerra, em torno dos ideais promovidos pelo nacional-socialismo, adaptando essa ideologia política às novas condições históricas, sociais, culturais e econômicas. Suas principais intenções incluem a aceitação pública do nazismo como uma orientação política legítima; o endurecimento das leis de migração, sobretudo no território europeu; o orgulho “racial”, “nacional” ou mesmo “pancontinental” (no caso dos grupos neonazistas europeus); o estabelecimento político, econômico, cultural e social da superioridade da “raça ariana”; e a criação de estados totalitários ancorados no nacionalismo étnico-racial. Além disso, o revisionismo do Holocausto promovido pelos nazistas

⁸ Na seção “Home” do site, a organização afirma ter sido fundada para acolher aqueles que lutam por seu povo, “sendo eles racistas de direita, patriotas, nacionalistas ou nacional-socialistas lutadores da liberdade”. Disponível em <<http://www.bloodandhonourworldwide.co.uk/home1.html>>. Acesso em abr. 2015.

⁹ Disponível em <<http://www.holocaust-education.dk/eftertid/nynazisme.asp>>. Acesso em 12 abr. 2015.

e a aversão a orientações de gênero e de sexualidade alheias ao padrão heteronormativo são características predominantes.

Surgimento da organização Blood & Honour

A organização Blood & Honour tem um início bastante particular, cuja elucidação demanda que se explique, mesmo que superficialmente, um fenômeno que lhe é anterior. Apesar de ser uma organização europeia de caráter neonazista, apenas é possível compreendê-la situando o contexto internacional de mudanças geopolíticas.

De acordo com Salas (2006), depois da independência jamaicana em relação ao Reino Unido, conquistada gradualmente entre 1958 e 1962, grandes contingentes de jovens jamaicanos migraram para a Inglaterra em busca de melhores oportunidades de emprego e levaram sua música consigo. Logo esse estilo musical que os acompanhou – uma mistura “agressiva” de mento, calipso, *swing*, *jazz*, *jive* e *rhythm & blues* que veio a se chamar *ska* –, combinado com um ritmo bastante intenso de dança, alcançou notável popularidade entre outros jovens urbanos de origem proletária, tornando-se parte de seu estilo de vida e de sua construção identitária. Dessa integração surgiram os *mods* (diminutivo de *modernists*, modernistas), que, com o passar do tempo, começaram a agregar cerveja,

futebol e violência ao estilo musical.

Avessos ao pacifismo *hippie*, esses jovens começaram a formar grupos relativamente coesos e orientados por um comportamento violento (já em suas origens jamaicanas, a postura violenta estava presente no estilo musical). Raspar a cabeça, além de deixar o rosto perfeitamente imberbe, tornou-se regra nos grupos como sinal de que eles estavam constantemente preparados para o combate físico.¹⁰ Com o passar do tempo, esse estilo musical se tornou cada vez mais popular entre jovens brancos, que passaram a constituir a maioria de seus ouvintes.

Após uma ligeira queda desse fenômeno na segunda metade da década de 1960 e no começo dos anos 1970,¹¹ com o surgimento do movimento musical *punk* na Inglaterra, os grupos de jovens *skinheads* (apelido derivado de suas cabeças raspadas) voltaram a ganhar força e número. No início, eram politicamente apartidários, embora fossem fortemente marcados por um sentimento de rejeição e de revolta. Entretanto, suásticas e cruzes gamadas, elementos do imaginário simbólico nazista, foram reapropriadas por alguns desses grupos, sendo de início utilizadas unicamente para fins provocativos, como forma de transgressão, de demonstração de repulsa contra a sociedade inglesa, na qual se sentiam abandonados. Em pouco tempo, porém, esses símbolos deixaram de ser meramente sinais de

¹⁰ Por questões práticas, cabelos e barbas compridos podem facilmente ser fatores negativos em lutas físicas: podem se enroscar em lugares inoportunos, atrapalhar a visão e possibilitar puxões desestabilizadores por parte dos adversários.

¹¹ Segundo Salas (2006), a responsabilidade por isso recai sobre a ação da polícia, dos tribunais e da imprensa contra esses jovens, cujas ações violentas se intensificaram e passaram a se relacionar cada vez mais com o futebol depois da vitória da seleção inglesa no Mundial de Futebol de 1966, criando o fenômeno *hooligan*.

revolta e se tornaram parte do nascente movimento neonazista.¹² A mobilização de símbolos nazistas eventualmente levou à mobilização de conceitos, sentimentos e ideologias neonazistas.

Foram necessários alguns anos até que, desse contexto, a figura de Ian Stuart Donaldson, vocalista da banda Skrewdriver – que, a partir de 1984, se torna central no cenário *skinhead* neonazista¹³ –, emergisse com destaque. De acordo com o site da Blood & Honour, seus membros originais começaram a se organizar no White Noise Club, em Londres, considerado por eles até então a linha de frente da “revolução musical” do Rock Against Communism.¹⁴ Em 1985, Ian Stuart cantou pela primeira vez no clube a música “Blood & Honour”, que se tornaria o hino da organização. Em 1987, depois de uma desilusão com a casa de música mencionada, os *skinheads* neonazistas que a frequentavam e que se agrupavam cada vez mais sob o lema Blood & Honour e menos sob seus nomes anteriores, como Last Resort Skins e West London Skins, compareceram à reunião convocada por Ian Stuart para um diálogo acerca do futuro dos *skinheads* que frequentavam o White Noise Club. Com Paul Burnley, membro da No Remorse, outra banda neonazista proeminente, em junho de 1987, Ian Stuart formou um grupo político e de distribuição de música neonazista chamado Blood & Honour (Sangue e Honra), com a ajuda de

membros de outras bandas *skinheads* neonazistas, como a Sudden Impact e a Brutal Attack. A organização tem, desde então, como suas principais atividades o preparo de concertos de música neonazista, especialmente na Europa, e a composição e publicação de uma revista homônima para divulgação tanto de música neonazista quanto de sua ideologia. Seu nome é uma referência direta ao imaginário nazista: *Blut und Ehre* era o lema da juventude hitlerista, a organização paramilitar do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP).

Cabem, então, as perguntas: o Blood & Honour, como representante do neonazismo, pode ser considerado um movimento social? Por quê? Que códigos morais e simbólicos o guiam? Quais são suas oportunidades políticas e suas formas de ação? Como se captam e mobilizam os recursos? Qual é a base sobre a qual está assentada sua estrutura? Quais são seus aliados e oponentes? Segue uma tentativa de respostas a essas perguntas.

Blood & Honour: um movimento social?

Para pensar se a organização Blood & Honour, fundada para a divulgação de música e de ideologia de caráter neonacionalistas, constitui um movimento social, vamos nos debruçar, neste artigo, sobre o livro *Poderemos viver juntos?*, de Touraine (1998), pois consideramos que sua definição de

¹² Não se deve cometer o equívoco, todavia, de tomar todo grupo *skinhead* como um grupo de ideologia neonazista. Em verdade, a maior parte dos grupos *skinheads* pode ser classificada de três formas: 1) neonazistas; 2) anarquistas ou comunistas (em suas diversas vertentes), também chamados de SHARPs, sigla para SkinHeads Against Racial Prejudice, ou seja, *skinheads* contra o preconceito racial; e 3) apatidários, embora normalmente descontentes com a ordem política e econômica atual.

¹³ Salvo exceção, utilizaremos o termo *skinhead* para nos referirmos aos *skinheads* neonazistas.

¹⁴ Disponível em <<http://www.bloodandhonourworldwide.co.uk/home1.html>>. Acesso em 14 abr. 2015.

movimento social, particularmente de antimovimento social, é especialmente capaz de fornecer uma abordagem inovadora e pertinente ao assunto. Embora definir de modo preciso o que é um movimento social para esse autor não seja tarefa simples, quando a questão é uma organização como a Blood & Honour, esse tipo de raciocínio se torna mais possível.

Segundo Touraine, os movimentos sociais são caracterizados como “um tipo muito particular de ação coletiva [...] pelo qual uma categoria social, sempre particular, questiona uma forma de dominação social [...] invocando contra ela valores e orientações gerais da sociedade, que ela partilha com seu adversário, para privar este de legitimidade” (1998: 113). Em outras palavras, um movimento social busca não apenas defender os interesses de determinado grupo mas também destruir uma relação de dominação. Até aqui, ainda é muito nebuloso definir se o Blood & Honour constitui um movimento social, dadas as particularidades desse grupo, as quais serão analisadas mais adiante. Podemos adiantar, todavia, que o Blood & Honour, por não lutar contra uma forma de dominação à qual eles estariam de fato sujeitos – já que gozam do privilégio étnico-racial-nacional (uma vez que suas fileiras são integradas sobretudo por jovens brancos ingleses/europeus,¹⁵ e não imigrantes ou descendentes de imigrantes de outros grupos étnicos), em cujo terreno constroem suas demandas –, não seria um movimento social. Por outro lado, o

grupo *acredita* que se posiciona contra uma forma de dominação que defende o multiculturalismo em detrimento da identidade branca inglesa/europeia que os constituiu em sujeitos. Podemos notar a presença dessa crença no editorial da 42a edição de sua revista homônima, como se demonstra no fragmento a seguir: “As condições da experiência vivida de um grupo oprimido estão diretamente conectadas ao tipo de músicas de resistência que este grupo vai produzir’. Nós somos a resistência branca do *rock’n’roll*”.¹⁶

Dando sequência à formulação de sua teoria, Touraine distingue os movimentos sociais em três tipos: societais, culturais e históricos. Será suficiente, para os propósitos definidos aqui, que nos atenhamos apenas aos movimentos societais. Os movimentos societais “combinam um conflito propriamente social com um projeto cultural” (Touraine, 1998: 118-119), nos quais se constrói o sujeito em seus direitos, ao mesmo tempo que se luta contra um adversário. O que constitui um movimento de tipo societal “é a associação entre um apelo moral e um conflito diretamente social, isto é, opondo um ator socialmente definido a outro” (Touraine, 1998: 122). No caso das sociedades ocidentais atuais, o apelo dos movimentos societais é quase sempre em direção às liberdades individuais. De modo bastante “deformado”, a Blood & Honour corresponde a esta característica: a defesa de seus princípios, de seu pensamento e de sua expressão está frequentemente

¹⁵ Optamos por salientar a identidade inglesa, apesar da transnacionalidade do grupo, por ter sido fundado na Inglaterra e ser lá onde se realiza a maior parte de suas operações.

¹⁶ Disponível em <http://www.bloodandhonourworldwide.co.uk/magazine/issue42/issue42p_3.html>. Acesso em 15 abr. 2015.

acompanhada pelas noções relacionadas à ideia de liberdade individual, ainda que seus membros neguem esse ideal para seus oponentes e não raro se manifestem contra esse próprio ideal. Em suma, a Blood & Honour defende a liberdade individual deles próprios de serem contra as liberdades (e mesmo contra a existência) de seus oponentes. Boa parte dos editoriais das revistas do grupo deixa esse apelo às liberdades individuais, sobretudo à liberdade de expressão, evidente por meio de seu *disclaimer*:

[A revista] *Blood & Honour* é produzida para refletir os pontos de vista de seus leitores e não tem a intenção de prejudicar, desonrar ou pregar nenhuma política ou ódio contra nenhuma religião ou raça. Os artigos incluídos nestas páginas não são necessariamente do editor e não deveriam ser interpretados como tais. Liberdade de expressão deve ser aplicada a todos nós.¹⁷

Segundo Touraine, enquanto os movimentos sociais se definem por seus objetivos construtivos, as revoltas se orientam por aquilo que rejeitam. É difícil imaginar uma luta coletiva que não se

organize simultaneamente pela rejeição de algo existente (no plano material ou no imaginário) e pela conquista de alguma forma de reconhecimento (seja na luta por bens – materiais ou imateriais – escassos, seja pela garantia de direitos efetivos ou simbólicos, ou por outros tipos de conquista). Então, nesse sentido, o que define a organização Blood & Honour? Seria a defesa de uma ameaçada “raça ariana” ou o ataque direto aos estrangeiros, judeus e grupos jovens de tendência anarquista? Em uma primeira análise, tende-se a responder a essa questão com a segunda alternativa proposta. Entretanto, é fácil compreender, por meio dos trabalhos de Buford (2010) e Salas (2006), além do que se pode ler no próprio *site* da organização, que, para os sujeitos que dela são membros, a primeira alternativa de resposta seria a mais correta.¹⁸

Reformulemos, então, a pergunta: os objetivos reais desse grupo são os expostos por seus membros ou os que os não membros veem com base nas ações dos próprios membros do grupo? Na realidade, defendemos que não é possível pensar analiticamente esse

¹⁷ Disponível em várias edições: <http://www.bloodandhonourworldwide.co.uk/magazine/issue42/issue42p_3.html>; <<http://www.bloodandhonourworldwide.co.uk/magazine/issue41/issue41p3.html>>; <<http://www.bloodandhonourworldwide.co.uk/magazine/issue19/issue19p02.html>>; <<http://www.bloodandhonourworldwide.co.uk/magazine/issue40/issue40p3.html>>. Acesso em 15 abr. 2015.

¹⁸ Supor que a “autodefesa da raça ariana”, como costuma ser dito pelos sujeitos que participam dessas organizações, não passa de uma demagogia utilizada por eles é ignorar o sentido que esses grupos têm para os agentes que deles formam parte. Embora reconheçamos que não existam formas de preconceito racial direcionado à “raça ariana” e que são pessoas e grupos majoritariamente brancos que continuam a ocupar as principais posições de dominação, sobretudo no Ocidente, não podemos dizer que a crença ideológica da Blood & Honour seja meramente demagógica. Ao contrário, ela está ancorada em um modo específico de interpretar o mundo, por mais que exista uma quantidade quase infinita de dados que demonstre a falta de adequação dessa crença à realidade da dominação étnico-racial.

grupo sem considerar os dois objetivos em conjunto. É preciso interpretar tanto o que o grupo diz quanto o que se diz sobre ele. Nesse caso, uma hipótese não precisa excluir a outra. Para o Blood & Honour, o que eles entendem como “defesa da raça ariana” aparece sempre junto ao ataque contra grupos não arianos, sobretudo imigrantes ou judeus, ou de orientação política de esquerda – ataques advindos de uma rejeição radical que não permite nenhum diálogo com os grupos adversários.

Sendo assim, o neonazismo em geral e o Blood & Honour especificamente parecem se encaixar naquilo que Touraine chama de “antimovimento social”, ou seja, aquilo que surge “quando um ator social identifica-se inteiramente com uma aposta cultural [...] e então rejeita seu adversário como inimigo, traidor ou simples obstáculo a eliminar” (1998: 140). Dessa forma, os antimovimentos sociais rompem com qualquer possibilidade de diálogo ao recusar completamente qualquer legitimidade a seus adversários. Os *skinheads* neonazistas do Blood & Honour constituem um exemplo concreto dessa situação: estão completamente identificados (ideológica e emocionalmente) com a proposta neonazista; esta não é uma posição política à qual se possa aderir apenas parcialmente.¹⁹ Sua “aposta cultural” é, primeiro, em uma Europa racial e culturalmente branca, livre de estrangeiros – e, em menor grau, com menos importância, tal proposta também serviria para a América do Norte²⁰ e

para a Austrália. Para eles, essa seria a condição para a Europa “reconstruir sua antiga glória”, reafirmando a posição de superioridade da raça branca.

Para cumprir esse ideal, faz-se necessário destruir seus inimigos (os sionistas – designação destinada a todos os judeus – em sua economia neoliberal supranacional e os migrantes que chegam à Europa, sobretudo os negros – africanos, afro-caribenhos, jamaicanos, sul-americanos, entre outros – e os muçulmanos – tanto os africanos quanto os árabes e asiáticos – mas também orientais e latinos), os traidores (brancos europeus e americanos com orientação política liberal – os quais são vistos como traidores da causa branca que buscam o lucro imoral do mercado liberal controlado pelos sionistas – ou de esquerda, particularmente os mais “radicais”, como anarquistas e comunistas) e seus maiores obstáculos (as políticas multiculturais, que incluem os estrangeiros nas terras europeias e que, para o Blood & Honour, têm como efeito a destruição da identidade tradicional branca europeia). A área do *site* da organização voltada para citações de seu fundador, Ian Stuart Donaldson, oferece diversos modelos dessa visão de mundo. Vejamos duas que se demonstram exemplares:

[1] Eu não sou o tipo de pessoa que vai rastejar para um bando de esquerdistas pacifistas frouxos e sionistas de duas caras. Você deve ser honesto para as pessoas em relação às suas crenças, especialmente

¹⁹ Embora a adoção da estética geralmente utilizada pelos membros desse grupo não precise ser completa, especialmente entre as mulheres.

²⁰ A maior parte dos *skinheads* europeus tem uma posição confusa – até para eles – e mesmo ambígua em relação aos Estados Unidos. Os motivos para essa confusão serão abordados mais adiante.

quando a sobrevivência da nossa própria raça está em jogo.

[2] Muitas pessoas sentem que raças e culturas não se misturam. Isso pode estar tocando em algumas feridas, mas a verdade é que os negros estão roubando nossos empregos e deixando o homem Branco com o desemprego. Olhe então para os judeus. Sua dieta básica é o dinheiro, o controle de tudo de que se pode retirar um belo lucro. E então você tem os comunistas que querem esse absurdo de igualdade para todos.²¹

Retornando à elaboração teórica desenvolvida por Touraine, o autor percebe, nos antimovimentos sociais, uma ação de defesa contra a dominação da “globalização”,²² “em nome de uma tradição comunitária e não para defender a liberdade do sujeito” (Touraine, 1998: 140), impossibilitando a construção de conflitos, levando a uma resposta violenta contra a possibilidade de relacionamento com as outras comunidades. Dessa forma, o “antimovimento social” Blood & Honour pode ser considerado uma expressão

de um comunitarismo antimulticultural centrado na Europa. Ele representa a recusa a qualquer tipo de relação social com comunidades não brancas: para o Blood & Honour, é necessário que se crie um orgulho público da raça branca²³ para que esta possa se unir contra os imigrantes e contra a dominação sionista. Isso significa que a resposta para todos os problemas presentes na sociedade europeia, desde a década de 1970 (com os choques do petróleo, o desmonte de grande parte do *welfare state* e a implementação de práticas econômicas neoliberais), é, para o Blood & Honour, muito simples: retirar os imigrados das terras europeias, em defesa das tradições locais e devolvendo o emprego aos homens brancos, ao mesmo tempo que se devem desarticular a economia e a política sionistas.

O desenvolvimento de um antimovimento social

Partindo da concepção dos movimentos (e antimovimentos) sociais construída por Touraine, o Blood & Honour se constitui, portanto, não propriamente como um movimento social, mas como

²¹ Disponível em <<http://www.bloodandhonourworldwide.co.uk/isd/quotes.html>>. Acesso em 15 abr. 2015. Cabe observar que a inicial da palavra “branco” está em maiúscula. No original, o termo “White man” também encontrava a inicial da palavra “white” em maiúscula. Isso não pareceu erro de digitação, uma vez que tal ocorrência pode ser vista diversas vezes na página em expressões como “White man” e “White people”. Acreditamos que esse uso seja a expressão, no uso da linguagem, da crença na superioridade da raça branca.

²² Não é o escopo do presente trabalho discutir o termo globalização, o que, por si só, levaria a um artigo ou a um livro inteiro, dependendo do motivo da discussão. Para nossos fins, é suficiente pensarmos a globalização nos termos que propõe Hall em *Da diáspora: identidades e mediações culturais*: uma intensificação ocorrida a partir da década de 1970 de um processo muito mais antigo, que já havia tomado formas muito distintas, mas que, desde então, é regido sobretudo pelo fortalecimento de um sistema econômico em escala global, “no sentido de que sua esfera de operações é planetária” (Hall, 2003: 56).

²³ O editorial da edição n. 43 da revista nos oferece um exemplo: “Se racismo é admitir/ que existe diversidade racial,/ então você pode me chamar de racista/ e eu estou orgulhoso em sê-lo!/ Isso não tem a ver com odiar as outras raças/ isso tem a ver com amar a sua própria./ Então, você vê, não existe nada de errado mesmo/ quando é demonstrado orgulho racial”. Disponível em <www.bloodandhonourworldwide.co.uk/magazine/issue43/issue43p_2.html>. Acesso em 15 abr. 2015.

parte de um antimovimento social mais amplo, visto que suas propostas não são consideradas por meio do conflito pela via do diálogo, mas do confronto pela via da violência (Wieviorka, 2006), dada a recusa completa de reconhecimento da legitimidade da alteridade – ainda que essa proposta apareça revestida como simples autodefesa de uma supostamente ameaçada raça branca, de uma supostamente ameaçada cultura europeia. Faz-se necessário compreender como se constitui esse antimovimento social. Já foi dito contra o que e contra quem o Blood & Honour se propõe a lutar. Agora, antes mesmo de entendermos sua gramática moral e suas formas de ação, cabe demonstrar quem são seus aliados e quem constitui sua base a fim de compreendermos como se comporta sua estrutura de oportunidades e de mobilização de recursos.

A filiação de Ian Stuart, em 1979, já então líder da banda skinhead Skrewdriver,²⁴ ao National Front,²⁵ partido político da extrema-direita nacionalista britânica que costuma estar vinculado a propostas xenofóbicas e racistas, teve dois efeitos: primeiro, gerou uma filiação em massa de jovens *skinheads* ao mesmo partido²⁶ e, segundo, fez que todo o movimento *skinhead* passasse a ser tomado publicamente como sinônimo de neonazismo.²⁷

Segundo Buford (2010: 141), “as fileiras do baixo escalão do National Front consistiam basicamente em pessoas que sentiam, com certo fundamento, que não tinham nenhum outro lugar para onde se voltar”. Muitas dessas pessoas eram skinheads de direita, fãs de músicos que se haviam filiado ao partido ou *hooligans* recrutados em estádios de futebol durante as partidas dos campeonatos nacionais, ou seja, tipos de jovens fortemente marcados pela sensação de falta de reconhecimento e de estima social.

Anos mais tarde, Ian Stuart deixou o partido por acreditar que este não era radical o suficiente em suas proposições, e, para corresponder às próprias expectativas, como mencionado anteriormente, o Blood & Honour foi formado. No entanto, o National Front continuou a ser um ponto de referência para muitos dos membros do Blood & Honour, especialmente em época de eleição.

Mesmo depois do falecimento de Ian Stuart Donaldson, em setembro de 1993, alguns partidos políticos continuaram relacionados extraoficial ou indiretamente com o Blood & Honour no contexto internacional. Um exemplo disso está na França, onde jovens neonazistas, incluindo os que estão ligados ao Blood & Honour, apoiam o partido de extrema-direita Front

²⁴ Vale notar, entretanto, que o primeiro álbum da banda, *All Skrewed Up*, lançado em 1977, não contém nenhum elemento neonazista: a temática das letras é predominantemente sobre o sentimento de rejeição social, o que é perceptível pelos títulos das canções, como “An-Ti-So-Ci-Al”, “I don’t like you” e “I don’t need your love”.

²⁵ O que aconteceu cinco anos antes da fundação do Blood & Honour.

²⁶ Não parece mera coincidência que o partido tenha alcançado seu auge nas eleições nacionais gerais nesse mesmo ano. Entretanto, o partido entrou em queda vertiginosa depois dessa data, demonstrando um tímido novo crescimento a partir de 2001.

²⁷ Essa imagem permanece até os dias atuais aos olhos de boa parte do público que não está de alguma forma envolvido com o movimento.

National (inspirado no National Front britânico, embora não exista nenhuma relação de caráter oficial entre os dois), presidido por Marine Le Pen, a qual recusa qualquer ligação com os jovens *skinheads*, indo contra a recomendação de outros membros do partido. Marine Le Pen foi candidata do Front National às eleições presidenciais de 2012, na França, e chegou a ser cotada para figurar no segundo turno (Sage, 2011), obtendo mais de 6 milhões de votos no primeiro turno. Apesar dessa recusa em aceitar o apoio explícito desses setores, era inevitável que o Front National – assim como outros partidos da direita nacionalista em outros países europeus – o recebesse, pois algumas de suas propostas estão em acordo com as exigências do Blood & Honour, particularmente na questão da imigração. Salas (2006) nota que, na Espanha, partidos e movimentos de extrema-direita recebem apoio dos jovens neonazistas durante as eleições e oferecem recursos, especialmente financeiros, para que suas associações (incluindo a Blood & Honour) mantenham suas atividades.

Além das ligações extraoficiais entre as organizações neonazistas e alguns partidos políticos de extrema-direita, existem, como o esperado, relações íntimas dessas organizações neonazistas entre si, embora nem sempre de caráter oficial. O caso da Hammerskin, uma das maiores e mais importantes organizações neonazistas, merece destaque por sua força na Espanha e nos Estados Unidos, onde se

fundou, ainda que tenha bases também na Holanda, na Suécia, na Hungria, em Portugal, na Nova Zelândia, no Canadá e na Austrália. É interessante notar que, nos dois lugares onde é mais forte, a Hammerskin se liga a elementos diferentes: nos Estados Unidos, além dos elementos que constituem o neonazismo na Europa, o ódio aos mexicanos e porto-riquenhos (incluindo, sem dúvida, outros latinos) é um dos principais focos mobilizadores de suas ações. Já na Espanha, a Hammerskin está presente nos estádios de futebol de alguns dos principais clubes do país por meio das chamadas torcidas “ultras”, como a Ultrassur, que apoia o Real Madrid Club de Fútbol.²⁸

A relação entre Hammerskin e Blood & Honour, entretanto, tem um caráter muito fluido e instável: as duas organizações não estão diretamente interconectadas entre si por toda parte, embora alguns de seus membros mantenham contato em virtude da música e da ideologia compartilhada. Em alguns países – na Espanha, por exemplo –, existe mesmo uma rivalidade entre as duas organizações (Salas, 2006). Por outro lado, cabe observar como exemplo que o *site* da Hammerskin pôs à venda um DVD, produzido por sua divisão australiana, a Southern Cross Hammerskins, em 2007, em conjunto com a 9% Productions e a divisão australiana da Blood & Honour, cujo conteúdo é a gravação de um concerto realizado em homenagem a Ian Stuart Donaldson.²⁹ Podemos, portanto, exemplificar a relação existente entre as

²⁸ Embora haja outras torcidas de futebol ligadas à extrema-direita na Europa, a ligação entre a Ultrassur e o Real Madrid é a mais evidente.

²⁹ Disponível em <<http://i564.photobucket.com/albums/ss90/BloodHonourAustralia/dvd-ad.jpg>>. Acesso em abr. 2015.

duas organizações por meio destes dois casos paradigmáticos quase opostos: rivalidade na Espanha (mesmo que, eventualmente, existam oportunidades de apoio mútuo) e parceria íntima na Austrália. Nos outros países, essa relação é menos óbvia, porém varia de acordo com cada caso, em algum lugar entre os dois exemplos mencionados.

Os outros aliados desse antimovimento são essencialmente associações neonazistas e *skinheads* menores, além de pequenas lojas e gravadoras de música destinadas ao público *skinhead* neonazista. Dentre elas, podemos destacar Rampage Productions, Rune & Sword Productions, Final Conflict Store, Dissident Mail-order, American Front, Gesta Bélica e Associazione Culturale Veneto Fronte Skinheads – além da Falange, Democracia Nacional, Alternativa por la Unidad Nacional, que não são associadas, mas estão sempre no entorno das divisões espanholas de Blood & Honour e Hammerskin. São todas, porém, aliadas menores. Não tendo êxito em se aliar oficialmente com os partidos de extrema-direita,³⁰ que temem ter sua imagem contaminada, nas representações coletivas, pela postura violenta dos *skinheads*, o Blood & Honour acaba por não conseguir oportunidades políticas no que tange à arena política estatal.

Dessa forma, o antimovimento social neonazista Blood & Honour está relativamente isolado, pois não pode entrar nas vias políticas de fato,³¹ tendo que se restringir à captação de membros

para suas fileiras para poder fazer o antimovimento crescer e continuar a buscar por oportunidades políticas. Para isso, é necessária a mobilização de recursos financeiros. A responsabilidade na realização dessa tarefa recai sobre as divisões nacionais do antimovimento, que o fazem sobretudo com a venda de material de veiculação da ideologia neonazista (revistas, livros, CDs e camisetas de produção independente ou semi-independente, além de outras mercadorias de menos importância) e com a realização de *shows* de música RAC (sigla de Rock Against Communism, embora seu teor atual pareça majoritariamente voltado contra imigrantes e seus descendentes, além de judeus), com o apoio de outras organizações neonazistas.

Quanto às oportunidades de manifestação política, a situação da Blood & Honour, assim como de outras associações similares, é muito pouco definida. A princípio, qualquer mobilização contrária à sua ideologia se torna uma possibilidade de oportunidade política: de passeatas do movimento pelos direitos de homossexuais, bissexuais e transexuais às políticas de ação afirmativa das populações afrodescendentes e de outras minorias, todos esses movimentos geram, como efeito colateral indesejado, oportunidades para a (re)ação física ou ideológica da Blood & Honour. Cada autoafirmação dos grupos aos quais a Blood & Honour se opõe é tomada por eles como tentativa de destruir a identidade branca e a cultura europeia

³⁰ Salas (2006) chega mesmo a defender que os *skinheads* são manipulados como massa de manobra por esses partidos.

³¹ A conduta violenta de seus líderes e sua recusa a participar do jogo político das democracias liberal-burguesas impedem que entre eles se crie um *habitus* político profissional. O conceito de *habitus* aqui se refere a Bourdieu (1998).

e, portanto, é transformada pelo grupo em oportunidade para fortalecer sua identidade e recrutar novos membros.

Símbolos, memória e construção da identidade neonazista

Parafraseando Tarrow (2009), adaptando ao objeto de estudo aqui proposto, podemos nos perguntar: o que motiva os membros do Blood & Honour a participar de atitudes violentas em nome de seu ideal, arriscando as próprias integridades físicas e patrimoniais? Que recompensas materiais ou imateriais podem obter por se arriscarem? Que objetivos pretendem alcançar? Qual é a estrutura moral que informa seu comportamento? É o caso de uma luta por reconhecimento, para pensarmos também nos termos de Honneth (2009)?

Começamos pela última questão para, a partir daí, desenvolvermos as demais. É possível pensar que o antimovimento neonazista se trata, em termos, de uma luta por reconhecimento desde que se realize uma interpretação específica sobre o conceito de Honneth. A cada direito conquistado por seus adversários, mais esse antimovimento se sente injustiçado, depreciado: enquanto sua suposta superioridade não for publicamente reconhecida, enquanto seus adversários compartilharem de isonomia jurídica, os membros da organização continuarão a se sentir menosprezados. Segundo o autor, “os motivos da resistência social e da rebelião se formam no quadro de experiências morais que procedem da infração e de expectativas de reconhecimento profundamente arraigadas” (Honneth, 2009: 258). Seu sentimento identitário e de autoestima depende, em larga medida, de sua condição de dominação; depende da inferiorização da alteridade. No caso do antimovimento neonazista, há a expectativa de se alcançar o

reconhecimento de superioridade; um antimovimento social marcado pelo sentimento de superioridade étnico-racial, nacional e cultural só poderá se sentir reconhecido se, e à medida que, for reconhecida sua suposta superioridade. A ausência desse reconhecimento significa a infração dessas expectativas. Oferecer-lhes tratamento igual ao dado às outras “raças” e culturas é igualá-los a elas. Uma vez igualados àqueles que são por eles considerados inferiores, os neonazistas se sentem rebaixados, desprezados, não reconhecidos.

Os *skinheads*, conforme relatado por Salas (2006), incluindo os membros da Blood & Honour, são marcados por um sentimento de submissão e de exclusão desde antes de o componente político entrar em cena. É difícil conhecer exatamente todos os porquês de o antimovimento *skinhead* neonazista ser escolhido por um indivíduo como um meio para expressar esse sentimento, tendo em vista que existem várias outras formas de organização que poderiam servir para esse mesmo fim e que, mais especificamente, nesse antimovimento, existem várias organizações às quais o indivíduo pode se associar além da Blood & Honour. Todavia, o que é fácil de compreender é que esse antimovimento fornece elementos fortes, ainda que sejam equivocados, para seus membros expressarem sentimentos de revolta contra a submissão e a exclusão que eles sentem que lhes são impostas, independentemente de isso corresponder corretamente à realidade. Uma vez que se começa a participar dessa associação, o sentimento de pertença gerado pela solidariedade que se encontra no interior do grupo gera “uma espécie de estima mútua” (Honneth, 2009: 260) entre os membros, aumentando a identificação com a causa.

De acordo com Honneth, “o engajamento individual na luta política restitui ao indivíduo um pouco de seu autorrespeito perdido” (2009: 259-260). O antimovimento Blood & Honour acolhe seus membros em um grupo coeso, unido, cuja ideologia canaliza todas as angústias sentidas contra inimigos reduzidos a rótulos simples: judeus e, com eles, o sistema econômico global; homossexuais, que, para os neonazistas, ameaçam a integridade da família branca; socialistas, comunistas e anarquistas, por não defenderem a raça ariana; e, sobretudo, imigrantes, que supostamente se recusariam a se integrar às populações nativas. Para esse movimento, a resposta é simples: com a eliminação dos imigrantes (física, especial ou simbólica), a Europa pode se fortalecer e construir uma supremacia branca, lutando contra o sionismo e subjugando os demais povos.

A “violação de um consenso tácito” – consenso que, no caso do Blood & Honour, assim como de todo o antimovimento neonazista, reside na suposta superioridade da raça branca – “é vivenciada pelos atingidos como um processo que os priva de reconhecimento e, por isso, os vexa no sentimento de seu próprio valor” (Honneth, 2009: 263). O Blood & Honour envolve os indivíduos em um meio no qual a estima mútua entre os “camaradas” (para usar uma categoria nativa) restitui seu autorrespeito, seu sentimento de valor próprio, por meio da manipulação de símbolos que apelam à superioridade da raça ariana e da identidade europeia

defendida pelo grupo.

Além das já mencionadas suásticas e cruces gamadas, ligadas diretamente ao nazismo, o antimovimento neonazista possui símbolos próprios. Curiosamente, alguns dos principais símbolos utilizados são numéricos: “18” vem da primeira e da oitava letras do alfabeto latino, A e H, fazendo referência a Adolf Hitler; “88” segue uma lógica similar, H e H, de Heil Hitler; o mesmo se dá com “28”, que é outra forma de se referir ao Blood & Honour. Já com outro dos algarismos mobilizados, o “14”, a lógica é outra; trata-se de uma alusão às 14 palavras do supremacista branco David Lane, uma frase que deve obrigatoriamente ser de conhecimento de todo jovem neonazista: “We must secure the existence of our people and a future for White Children”, isto é, “Devemos assegurar a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas”.³²

É pela via simbólica, portanto, que se mobiliza e se organiza a gramática moral do grupo. Esses símbolos apelam não apenas ao sentimento de uma superioridade não reconhecida mas também à memória coletivamente criada, que sustenta a identidade do grupo. Como ressaltou Eyerman (2004), a memória é parte fundamental na formação da identidade – tanto individual quanto coletiva –, bem como da constituição de conflitos e processos políticos. Os “traumas culturais” que marcam a memória neonazista são a derrota na Segunda Guerra Mundial e a perda da condição imperialista econômico-militar da Europa. Além

³² Há também referências simbólicas menores, como as divisões Panzer. Além disso, cada associação neonazista conta com símbolos próprios. Na Hammerskin, por exemplo, um machado tatuado ou em uma camiseta substitui os símbolos do Blood & Honour, mobilizando a identidade grupal com tanta força quanto a suástica.

disso, como se pôde perceber pelos principais símbolos do antimovimento, sua memória está profundamente orientada pelo imaginário do Terceiro Reich – o ápice do reconhecimento da suposta superioridade da raça ariana.

Anderson (2005), em *Comunidades imaginadas*, também destaca, entre outros fatores, o papel da memória como um processo de lembrança e de esquecimento na construção da identidade coletiva de uma comunidade que existe sobretudo no plano imaginário,³³ especialmente no que se refere à nação, ou melhor, à identidade nacional. Todo o antimovimento neonazista apresenta uma característica particular nesse sentido: por um lado, suas reivindicações são nacionalistas, na medida em que se propõem a fazer a defesa das tradições nacionais; por outro lado, suas organizações são transnacionais, e seus discursos fazem apelo tanto à nação quanto ao continente europeu – no caso dos grupos sediados em países europeus. Considerando-se que a maior parte do antimovimento se situa na Europa, ao se associar ao Blood & Honour, o sujeito faz uma afirmação com um duplo sentido de lugar:³⁴ em um primeiro nível, afirma-se uma nacionalidade (espanhol, inglês, alemão, holandês etc.), enquanto, em um segundo nível, afirma-se uma pertença “racial” determinada pelo *continente* – a Europa. Esquecem-se as rivalidades e

os conflitos intraeuropeus em prol da defesa da raça ariana.

Também na questão da memória, é importante ressaltar que, como em toda idealização do passado, o antimovimento neonazista reformula todos os problemas que já afligiram a Europa, especialmente os do passado mais recente (como a crise econômica de 2008 em diante, mas sobretudo as crises provocadas pelos sucessivos choques do petróleo, pelo desmonte de elementos centrais ao Estado de bem-estar social e pela reestruturação da divisão internacional do trabalho, com a fuga de diversas indústrias europeias para outros lugares do globo),³⁵ responsabilizando de preferência uma suposta influência judaica ou a presença dos imigrantes, que estariam tirando os empregos das populações locais.

Mais além, um episódio inteiro do trauma cultural judaico na história recente é apagado da memória neonazista: o Holocausto é completamente negado pela maioria dos membros dessa organização; é tratado como uma invenção do judaísmo para poder se travestir de vítima – embora a maioria desses membros não fosse hesitar em realizar um novo holocausto. Conforme relatado por Salas (2006), o revisionismo/negacionismo histórico sobre o genocídio judaico nos últimos anos do Terceiro Reich é uma marca presente em todas as organizações

³³ A nação “é [uma comunidade] imaginada porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão” (Anderson, 2005: 25). Nesse contexto, de modo algum dizer que a nação é imaginada poderia implicar que a nação não fosse também real.

³⁴ Assim como ocorre na expressão “afro-americano”, fazendo referência ao país em que se vive – os Estados Unidos da América – e ao continente de “origem” (real ou simbólica) – a África –, conforme observou Eyerman (2004).

³⁵ Existe vasta bibliografia sobre esse processo macroeconômico. Sugerimos Harvey (2008).

neonazistas. O negacionismo sobre o Holocausto pretende apagá-lo oficialmente da memória não apenas de neonazistas, mas de todos.

Em países como Áustria e Alemanha, o revisionismo do Holocausto ganha importância na agenda de debates públicos, tanto na política quanto na historiografia, durante a década de 1980 (Bailer-Galanda & Neugebauer, 1996). O Historikerstreit – expressão que pode ser traduzida como debate, disputa ou conflito entre historiadores – apresentou uma tendência a ignorar a especificidade histórica do Holocausto, minimizando os crimes de guerra da Alemanha nazista. Para os autores, essa é uma característica típica dos grupos neonazistas, os quais tiveram sua estrutura desarticulada na Áustria depois de medidas que tornaram a negação do Holocausto um crime passível de punição legal, fazendo que tais grupos permanecessem na ilegalidade.

Para Castro (2014:7), o negacionismo ou revisionismo do Holocausto constitui um exemplo de pseudo-história ancorada em interpretações reducionistas do extermínio nazista. Essa prática pseudo-histórica funciona como elemento aglutinador das formas fascistas contemporâneas, assumindo um papel central em sua identidade (Castro, 2014: 8). Tanto para Castro quanto para Moraes (2011), o negacionismo do Holocausto não deveria ser interpretado por meio da terminologia historiográfica de “revisionismo”, pois

o que caracteriza a prática e os textos dos negacionistas não são os resultados de seus trabalhos – as suas supostas “interpretações” sobre um *tempo passado* (o período de 1933 a 1945) –, mas sim os fundamentos e os propósitos mesmos de seus trabalhos, que determinam os procedimentos daí decorrentes

e que não permitiriam que seus resultados fossem diferentes do que são (por exemplo: a afirmação de que em Auschwitz não existiam câmaras de gás. (Moraes, 2011: 3, grifo do original).

O negacionismo pode ser então definido não como uma prática historiográfica legítima, mas como um instrumento de afirmação política de extrema-direita empreendida por ideólogos que “negam ou minimizam os efeitos do Holocausto e afirmam que o assassinato de milhões de judeus, ciganos, eslavos etc. é uma mentira criada e mantida pelos vencedores da II Guerra Mundial em estreita aliança com os judeus sionistas fundadores do Estado de Israel” (Castro, 2014: 9).

Conclusão

Em seu estudo sobre o papel da noção de nação na construção identitária de comunidades, Anderson (2005) percebe como o adjetivo “novo” para denominar cidades fundadas pelos europeus em terras distantes (como New York e Nouvelle-Orléans na América do Norte) não tem o significado de substituição de um lugar antigo que existia; quando isso ocorria, por exemplo, no Sudeste Asiático, a cidade assim nomeada era considerada sucessora ou herdeira de uma cidade antiga desaparecida. O significado do “novo” nas cidades fundadas pelos europeus em lugares remotos é de uma nova versão com base no topônimo inspirador. Podemos usar essa dinâmica como analogia para nosso caso. O prefixo “neo-” em “neonazismo” reúne essas duas características simultaneamente: é o substituto de um nazismo praticamente desaparecido e, ao mesmo tempo, uma nova versão, herdeira da antiga ideologia. O neonazismo é a adaptação de algumas das principais ideias nazistas originais

a uma nova condição histórica, unindo-as a seu antigo espírito de rejeição da alteridade, pensada sempre como algo inferior. Tanto o nazismo original quanto sua versão reformulada partem de um misto de sentimento de falta de reconhecimento da superioridade imaginada com um conjunto de ideias que têm como foco a negação do reconhecimento de múltiplas formas de alteridade.

O fato de o nazismo ser, em grande parte, motivado pela crise do liberalismo e pela humilhação imposta à Alemanha com o Tratado de Versalhes, além do antigo antissemitismo presente em diversas populações europeias (Elias, 1997), junto com todo o contexto histórico e social em que estava envolvido, ajuda a explicar aquela que é a maior diferença entre ele e o neonazismo: o caráter transnacional deste, diferente do caráter exclusivamente nacional do nazismo. O neonazismo não é, nem ao menos em parte, uma resposta alemã a uma humilhação sentida *estritamente* no plano nacional: as duas principais organizações neonazistas foram criadas por ingleses e por norte-americanos, respectivamente a Blood & Honour e a Hammerskin. A unidade à qual o grupo apela deixou de ser a unidade pangermânica, passando a mobilizar diversos níveis: 1) o nível nacional; 2) o nível continental-cultural (já que a maior parte do antimovimento é europeia); e 3) o nível étnico-racial.

Embora utilizem símbolos do passado nazista alemão, o antimovimento social neonazista se situa para muito além da Alemanha; esses símbolos são ressignificados de um contexto nacional para o supranacional, de um movimento político – no significado mais tradicional da palavra “política” – para um antimovimento social predominantemente juvenil. Segundo Tarrow (2009: 157),

“os símbolos culturais não estão automaticamente disponíveis como símbolos mobilizadores, mas exigem agentes concretos para transformá-los em quadros interpretativos de confronto” – e é precisamente o que acontece com a Blood & Honour em relação aos antigos símbolos nazistas: a organização, por meio dos confrontos sociopolíticos, manipula e mobiliza esses símbolos para fornecer um “quadro interpretativo” de todos os elementos que compõem o confronto em que se insere. A combinação do novo quadro interpretativo da xenofobia pan-europeia com o antigo quadro do imaginário nazista, em uma “matriz cultural” (Tarrow, 2009: 158), produziu um “quadro interpretativo explosivo de ação coletiva”, isto é, um quadro que possibilitou o surgimento de um novo antimovimento social.

Em outras palavras, o neonazismo, por meio de suas organizações supranacionais, mobiliza antigos símbolos nazistas dando-lhes um novo significado – ainda enraizado no significado anterior –, fornecido pelos conflitos sociopolíticos em que seus adeptos se encontram, organizando suas experiências de falta de reconhecimento em torno de uma luta pela negação do reconhecimento e da legitimidade a seus opositores, em um contexto em que muitos jovens enfrentam um mercado de trabalho extremamente competitivo, em uma economia que enfrenta crises periódicas, fazendo que a presença de trabalhadores estrangeiros seja vista como ameaça à sua sobrevivência econômica. O neonazismo, por meio de organizações como a Blood & Honour, funciona como uma ponte cognitiva que liga experiências de exclusão social e de risco econômico, sentidas individualmente pelos sujeitos, a uma luta política por reconhecimento dentro

de uma coletividade, fornecendo-lhes um mapa cognitivo para explicar suas experiências pessoais e o mundo que os cerca mas os exclui e ameaça – ainda que esse mapa não esteja de acordo com a realidade dos processos sociais. Essa luta é marcada por uma conduta agressiva não apenas pela violência intrínseca à própria ideologia do movimento mas também porque, tendo recursos limitados, a “violência real ou potencial [é] a forma mais fácil para a iniciação” (Tarrow, 2009: 126) de sujeitos que se sentem interditados em suas vidas cotidianas para se vincular ao antimovimento. A violência é também “usada deliberadamente [...] para unir apoiadores, desumanizar opositores e demonstrar a coragem” (Tarrow, 2009: 126) do antimovimento, criando “uma identidade coletiva baseada na virilidade

e no poder”.³⁶

Neste artigo, nosso objetivo foi analisar brevemente o funcionamento de alguns dos elementos mais básicos da organização neonazista Blood & Honour com base em dois eixos principais: 1) as teorias dos movimentos sociais pensadas por Tarrow, Honneth e Touraine; e 2) as teorias sobre o multiculturalismo de Touraine e Hall. Além disso, foram utilizados os estudos de Anderson e Eyerman sobre o papel da memória na construção da identidade em conflitos políticos. Nosso objetivo foi sobretudo demonstrar como a experiência de exclusão e de interdição do sujeito precisa de um conjunto simbólico coletivamente organizado para poder se transformar em um elemento que mobilize a ação política coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, Benedict. (2005). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70.
- Andrade, Guilherme Ignácio Franco de. (2014). Neonazismo, racismo e supremacia racial: a ideologia racial do Valhalla 88. *Revista Escrita da História*, v. 1, n. 1, p. 63-79.
- Bailer-Galanda, Brigitte & Neugebauer, Wolfgang. (1996). *Incorrigibly right: right-wing extremists, “revisionists” and anti-semites in Austrian politics today*. Vienna: Stiftung Dokumentationsarchiv des österreichischen Widerstandes/Anti-Defamation League.
- Bourdieu, Pierre. (1998). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Buford, Bill. (2010). *Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Castro, Ricardo Figueiredo de. (2014). Extrema-direita, pseudo-história e conspiracionismo: o caso do negacionismo do Holocausto. In: Anais... XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e Práticas Científicas. Disponível em <<http://www.encontro2014>

³⁶ Não é mera coincidência, portanto, que a maior parte do antimovimento seja composta de homens, especialmente mais jovens.

http://www.anpuh.org/resources/anais/28/1408317295_ARQUIVO_RicardoFigueiredodeCastro.pdf>. Acesso em 14 abr. 2015.

Duque, Tiago. (2014). “Bichas podres”: política identitária e categoria acusatória. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 2, p. 227-243.

Elias, Norbert. (1997). *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar.

Eyerman, Ron. (2004). The past in the present – culture and the transmission of memory. *Acta Sociologica*, v. 47, n. 2, p. 159-169.

Gelder, Ken. (2007). *Subcultures: cultural histories and social practice*. London: Routledge.

Hall, Stuart. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.

_____ & Jefferson, Tony (orgs.). (2004). *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*. London: Routledge.

Harvey, David. (2008). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola.

Hebdige, Dick. (1991). *Subculture: the meaning of style*. London: Routledge.

Honneth, Axel. (2009). *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34.

Magalhães, Marionilde Dias Brepohl de. (1998). Neonazismo: o retorno da intolerância. *Tempo – Revista do Departamento de História da UFF*, v. 3, n. 6, p. 199-213.

McGowan, Lee. (2003). *The radical right in Germany: 1870 to the present*. London: Routledge.

Moraes, Luís Edmundo de Souza. (2011). O negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o passado. In: *Anais... XXVI Simpósio Nacional de História, Anpuh*, São Paulo, jul. 2011. Disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312810501_ARQUIVO_ANPUH-2011-ARTIGO-Luis_Edmundo-Moraes.pdf>.

Acesso em 15 abr. 2015.

Sage, Alexandria. (2011). Candidata francesa de extrema-direita diz não aos skinheads. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2011/04/27/candidata-francesa-de-extrema-direita-diz-nao-aos-skinheads.jhtm>>. Acesso em 2 jul. 2011

Salas, Antonio. (2006). *Diário de um skinhead: um infiltrado no movimento neonazista*. São Paulo: Planeta do Brasil.

Spaaij, Ramón. (2006). *Understanding football hooliganism: a comparison of six Western European football clubs*. Amsterdam: Amsterdam University Press.

Tarrow, Sidney. (2009). *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto*

político. Petrópolis, RJ: Vozes.

Touraine, Alain. (1998). *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Velho, Gilberto. (2008). *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.

Whitford, Troy. (2011). A political history of national action: its fears, ideas, tactics and conflicts. *Rural Society*, v. 20, n. 2, p. 216-226.

Wieviorka, Michel. (2006). *Em que mundo viveremos?* São Paulo: Perspectiva.